



Índio Escravo na Cidade

Indian Slave in the City

SILVA, Nelson Ávila da¹; ARAGÃO, Lucas Wagner Ribeiro²; FERNANDES, Shaline Séfara Lopes²; FERNANDES, Tauane Catilza Lopes³; MALLMANN, Viviane²

¹Universidade Federal da Grande Dourados, avilanelson231@gmail.com; ²Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul lucas_wagner_1@hotmail.com, saline_sefara@hotmail.com, mallmann.mn@gmail.com; ³Universidade Federal do Ceará, tauanezootecnista@gmail.com

Resumo: Este estudo veio trazer uma discussão polêmica sobre o êxodo rural dos jovens das Aldeia Jaguapirú, de Dourados-MS, que saem em busca de salário com o intuito de encontrar melhores condições de vida, e acabam iludidos com o consumismo. E também vem mostrar o resultado da falta destes jovens no trabalho familiar e comunitário, desfalcando a produção de alimentos, que vêm sendo trazidos de fora por estes jovens, juntamente com bebidas alcoólicas. Como alternativa para estes problemas, um grupo de anciões e educadores da aldeia sentaram e discutiram algumas ações que podem ser tomadas para buscar uma solução para o impasse. Como solução apontaram alterações políticas necessárias, tanto nas entidades ligadas ao movimento indígena quanto em segmentos internos dentro da própria comunidade.

Palavras-chave: Jovens, Trabalho Familiar, Agroecologia.

Abstract: This study came to bring a controversial discussion about the rural exodus of the young people of the Jaguapiru Village, of Dourados-MS, who go out in search of salary with the purpose of finding better conditions of life, and end up deluded with the consumerism. And it also shows the result of the lack of these young people in family and community work, lacking the production of food, which are being brought from outside by these young people, along with alcoholic beverages. As an alternative to these problems, a group of village elders and educators sat down and discussed some actions that could be taken to find a solution to the impasse. As a solution they pointed out the necessary political changes, both in the entities linked to the indigenous movement and in internal segments within the community itself.

Keywords: Young People, Family Work, Agroecology.

Contexto

Este estudo traz a sistematização das ideias dos pensadores da Aldeia Jaguapiru sobre o problema da entrada de alimentos industrializados e não industrializados na comunidade. Eles ressaltam em seus debates os problemas que a comunidade externa reflete na aldeia e apontam algumas alternativas em busca de solucionar o problema.



O objetivo principal é identificar se há e o porquê da deficiência de alimentos na comunidade. Também, realizar uma análise das possíveis ações que poderiam reverter o atual cenário colocado em discussão. Estas propostas e apontamentos foram sistematizadas neste artigo.

Descrição da Experiência

Um grupo de anciões e pensadores da Aldeia Jaguapiru se reuniram em setembro de 2018 para debater os motivos da entrada de tantos alimentos industrializados e de ordem primária na Aldeia, e realizaram entre si algumas perguntas para responder a esse questionamento, que se encontram descritas no desenvolvimento deste artigo.

A Aldeia se localizada em Dourados -MS, (coordenadas geográficas de 22°17' S, 54°817' W e 437 m de altitude), se encontra na transição Cerrado- Mata Atlântica, possui cerca de 3.596 hectares de área. Ppossui cerca de 16 mil habitantes, sendo destes 7 mil jovens. A aldeia se localiza nesse espaço desde o ano de 1902, de acordo com os registros dos antigos moradores da aldeia. Na Figura 1, observa-se a localização da aldeia.



Figura 1. Imagem da área da Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS.



A ideia de realizar esta análise partiu da percepção dos moradores mais antigos em ver alimentos externos entrando na comunidade, comprados com salário de jovens que saiam da aldeia pra trabalhar por um salário mínimo na cidade de Dourados-MS e outras dos arredores.

Este artigo trará então o resultado da discussão da comunidade e a análise realizada por ela, onde a agroecologia foi colocada como uma das ferramentas chaves para contornar os problemas elencado em ações futuras que estão sendo tracejadas. Ações estas que planejam ser executadas em parceria com a comunidade externa.

Resultados

Após reunião e diálogo entre os moradores estudiosos e anciãos da aldeia, chegaram a algumas conclusões que seguem expostas de forma analítica neste texto.

No primeiro momento o grupo realizou uma reflexão sobre qual era o sentido para a comunidade aldeã de Terra, e após muitos argumentos chegaram a esta conclusão: “Nosso interesse é o de usufruir da terra no sentido de que ela ofereça os nossos alimentos e abrigo, nela moramos e dela cuidamos, fazendo de nossos quintais serem produtores de flores e alimentos, mas a realidade posta está muito diferente, a maioria dos alimentos é comprada nas cidades”.

Foi realizada uma retrospectiva de quem eram os que trabalhavam em prol de ter esse objetivo concretizado e onde se encontravam, e a resposta de todos foi unanime, “em nossas comunidades eram os jovens que cumpriam a grande função de cuidadores da Terra e cultivadores de diferentes espécies que garantiam o sustento da comunidade e dos animais”. Então surgiu o questionamento, onde estão os jovens?

Nesse momento alguns dos pais dos jovens compartilharam as conversas e experiencias quem vinham tendo com seus filhos e filhas. Estes afirmavam em seus discursos que os filhos saiam em busca de emprego, pois a Aldeia era vista como um problema, no sentido de não ter trabalho remunerado, para que eles pudessem comprar bem de consumo, como veículos, motocicletas, calçados e roupas. E na cidade existe a oferta de trabalho remunerado. O Processo de aculturação veio com o passar do tempo, imperceptível, trazendo inúmeras e profundas alterações no pensamento da sociedade, gerando, frente o sistema imposto no país, alguns problemas complexos de serem resolvidos. Define-se por aculturação, é aquele por meio do qual os indivíduos aprendem o modo de vida da sociedade na qual nascem, adquirem e internalizam um sistema de valores, normas, símbolos, crenças e conhecimentos.



Um dos pais faz uma fala em forma de desabafo:

“O indivíduo sai de manhã e volta a tarde e para ele a jornada de trabalho já está cumprida. No final de semana o tempo é gasto em nada produtivo a não ser com bebidas. E com isto a terra que é de onde se pode retirar os alimentos não está sendo usada como deve ser usada. Não há nenhum interesse deles em fazer mais nada”. E eles ainda alegam que eu não tenho como dar o que ele precisa, como celulares e outras coisas. Daí o jovem não vê a hora de atingir a maioridade para começar a trabalhar, para que ele mesmo possa conseguir aquilo que deseja ou supra suas próprias necessidades”.

(Fala de um dos pais, 22-09-2018).

Dentre outras observações, foi discutido também que, muitos jovens da aldeia se encontram em presídios, cerca de 150, e foram realizadas análises dos motivos deles estarem nessas condições. Entre as observações realçadas, os pais afirmam que seus filhos saíram da comunidade com a ilusão de que, com o salário mínimo teriam seu ideal de vida com todos os bens materiais necessários, mas a verdade é que, após o fim do mês, mal dava para pagar os gastos de deslocamento e alimentação, adquirida em comércios da cidade, sem nem se saber a procedência e qualidade destes produtos. Iludidos acabam entrando para o mundo da criminalidade para obter de formas ilícitas seus anseios. Um dos pais descreve que, nos anos da década de 1990 ouve um período muito agressivo nas comunidades indígenas, e foi assim na Jaguapiru também, regrado com dias de dor, banhado pelo sangue das mortes suicidas de jovens indígenas, que se matavam por não conseguirem manter sua identidade nesse processo de trocas de culturas.

Um dos estudantes da aldeia, de aproximadamente 38 anos faz a seguinte análise, “estamos morrendo, sem sequer erguer as mãos para pedir socorro”, mas o que fazer? Haverá saída? Ele aponta que as entidades ligadas ao movimento indígena, como Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Conselho Indigenista Missionário (CIMI) poderiam ser guias das populações indígenas, não trabalhar apenas em prol da desvinculação das lideranças indígenas dos seus troncos nas incansáveis buscas das retomadas, deixando questões estruturais dentro da comunidade de lado. Ele ainda aponta que os jovens são o presente e o futuro das comunidades e que, a cada dia estão crescendo as expectativas de um mundo melhor e uma vida digna. E finaliza colocando que, a comunidade só terá seus problemas resolvidos com um olhar de política educacional, mas não qualquer política, uma que possa trazer subsídios e nortear uma produção que gere a sustentabilidade da comunidade.

Em seu artigo “Aumento de escala da Agroecologia: uma questão política”, Petersen e Arbenz (2018) escrevem que:

...em todo o mundo, proliferam experiências coletivas que demonstram como o enfoque agroecológico para o desenvolvimento dos sistemas



agroalimentares é decisivo para a produção de alimentos saudáveis, para proteger o solo, a água e a biodiversidade, para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e para construir comunidades e economias mais resilientes e justas. No entanto, essas mesmas experiências revelam a existência de poderosos obstáculos político-institucionais que impedem a aplicação da perspectiva agroecológica em escalas sociais e geográficas mais amplas. Ainda afirmam que, objetivamente, nesse cenário, implica-se a necessidade de uma nova geração de políticas públicas que reconheçam e fortaleçam o papel das instituições locais, na regulação dos sistemas agroalimentares e no desenvolvimento territorial. Essas novas políticas, que só podem ser formuladas e implementadas em ambientes institucionais democráticos, devem incentivar a conformação e/ou o fortalecimento de redes alimentares alternativas que envolvam agricultores(as) e outros atores locais.

Estas políticas podem também serem aplicadas na aldeia em estudo, que mantém regime de agricultura familiar em suas bases de trabalho. Mas algumas alterações em outros espaços mais internos também se fazem necessários, de acordo com as falas nas discussões. Nas escolas os educadores poderiam tomar uma postura no sentido de mostrar as realidades das famílias, sua história, trajetória e também a difusão de práticas agroecológicas como instrumento para sustentabilidade. Com ações conjuntas assim, com o passar do tempo, poderia ser mudado este cenário. Quanto a questão da necessidade do consumismo desenfreado, são temas que precisam ser trabalhados e discutidos com os jovens. Quanto ao recurso para compra de bens materiais, pode ser possível com a venda do excedente.

A discussão sobre sustentabilidade citada em se tratando da produção na aldeia foi proposta a partir do enfoque social e ambiental sugerido por Bicalho (1998), estando vinculada à capacidade de seus moradores em conservar ou aumentar sua qualidade de vida, mantendo e garantindo recursos para as próximas gerações. A seguir nas figuras 2 e 3, pode ser visto uma área de plantio de bananeiras, dentro da agrofloresta e também o fruto colhido.



Figura 2. Fruto de colheita em sistema agroflorestal na Aldeia Jaguapiru, Dourados, MS.

E a realidade da Aldeia Jaguapiru é favorável quanto a implementações de práticas agroflorestais visando a subsistência, pois já possuem áreas de produção iniciadas, que há muitas gerações vem sendo trabalhadas, mas ela exige manejo constante, daí a necessidade dos jovens estarem atuantes e buscando informações sobre as diferentes possibilidades nos diferentes extratos ambientais já existentes, trazendo a sustentabilidade e segurança alimentar para a comunidade.

Referências

BICALHO, A. M. S. M. Desenvolvimento rural sustentável e geografia agrária. In.: XII Encontro Nacional de Geografia Agrária. 8. **Anais...** Presidente Prudente/SP, 1998.

PETERSEN P.; ARBENZ M (ed). Experiências Em Agroecologia. **Revista Agriculturas**, v. 14, n.1, 2018.